

# Vazio do vazio: angústia, vazio mediano no pensamento chinês e função poética da palavra

---

Dulcemara Dedino

Quando voa o telhado da casa da linguagem e as palavras não a protegem, eu falo  
Alejandra Pizernik (2014)

## Resumo

Lacan trabalhou sobre os textos chineses, para evocar a ação do analista, e, por meio desses textos, ele teria a intenção de captar o que era a ausência, expressa como vazio mediano, caracterizado pelo pensamento chinês. O desenvolvimento teórico sobre o objeto da angústia foi o guia teórico para a articulação entre o pensamento lacaniano e o pensamento chinês. Como conclusão, alcança-se uma nova função da palavra e com isso seus desdobramentos no campo da experiência, detendo-se no interesse de Lacan pelo “vazio mediano”.

## Palavras-chave:

Objeto da angústia; Pensamento chinês; Ato psicanalítico;  
Topologia; Função poética.

## Void of void: anguish, median void in Chinese thought, and poetic function of the word

## Abstract

Lacan worked on Chinese texts to evoke the action of the analyst, and through these texts, he intended to grasp what absence was, expressed as the median void, characterized by Chinese thought. The theoretical development on the object of anxiety was the theoretical guide for the articulation between Lacanian thought and Chinese thought. As a conclusion, we reached a new function of the word and its implications in the field of experience, focusing on Lacan's interest in the “median void.”

## Keywords:

Object of anguish; Chinese thought; Psychoanalytic act;  
Topology; Poetic function.

## **Vacío del vacío: angustia, vacío mediano en el pensamiento chino y función poética de la palabra**

### **Resumen**

Lacan trabajó sobre los textos chinos para evocar la acción del analista, y a través de estos textos, tenía la intención de captar lo que era la ausencia, expresada como vacío mediano, caracterizado por el pensamiento chino. El desarrollo teórico sobre el objeto de la angustia fue la guía teórica para la articulación entre el pensamiento lacaniano y el pensamiento chino. Como conclusión, alcanzamos una nueva función de la palabra y sus implicaciones en el campo de la experiencia, enfocándonos en el interés de Lacan por el “vacío mediano”.

### **Palabras clave:**

Objeto de la angustia; Pensamiento chino; Acto psicoanalítico; Topología; Función poética.

## **Vide du vide : angoisse, vide médian dans la pensée chinoise et fonction poétique de la parole**

### **Resumé**

Lacan a travaillé sur des textes chinois pour évoquer l'action de l'analyste, et à travers ces textes, il avait l'intention de saisir ce qu'était l'absence, exprimée comme le vide médian, caractérisé par la pensée chinoise. Le développement théorique sur l'objet de l'angoisse a été le guide théorique pour l'articulation entre la pensée lacanienne et la pensée chinoise. En conclusion, nous avons atteint une nouvelle fonction de la parole et ses implications dans le champ de l'expérience, en nous concentrant sur l'intérêt de Lacan pour le « vide médian ».

### **Mots-clés :**

Objet de l'angoisse ; Pensée chinoise ; Acte psychanalytique ; Topologie ; Fonction poétique.

## Contextualização teórica

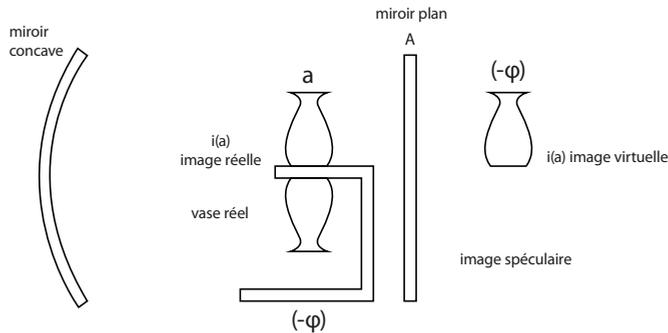
Na época em que Lacan se encontra com Cheng para estudar textos no original chinês e revisitar o pensamento chinês, a maioria de sua obra já estava formulada, no entanto não podemos negar que alguns conceitos podem ter tido repercussões e até mesmo desenvolvimentos adicionais a partir desses encontros. É nisso que apostamos quanto à nova função da palavra. Segundo Cheng, Lacan se interessava por temas diversos, tais como os pronomes, as preposições, as expressões do tempo em chinês, e por alguns textos específicos. Dois desses textos demonstram grande relevância para seu desenvolvimento teórico, o qual nos interessa, *Livre de la voie et de sa vertu (O livro do caminho e sua virtude)* (Duyvendak, Houang, & Leiris, 1979), de Lao Tsé, fundador do taoísmo, e *Mencius* (Seraphin, s/d) (Cheng, 2016).

Sobre *O livro do caminho e sua virtude*, podemos observar o interesse de Lacan pelo duplo sentido: o caminho e a voz. O termo Tao (palavra que significa falar) pode ser interpretado como uma ordem da vida e uma ordem da fala. A ideia de sopro é fundamental no pensamento chinês. Segundo Cheng (2016, p. 166), “o Tao originário designa o vazio original de onde emana o sopro primordial, que é o Um. O Um se divide em dois sopros vitais, que são o Yin e Yang”. O vazio mediano é indispensável, constituindo-se no terceiro elemento dessa relação, pois sem ele o Yin e o Yang se fechariam em si mesmos em uma posição estéril. A intervenção do vazio mediano permite que os outros dois elementos entrem em um campo aberto, distanciado e interativo, levando à conclusão de que o vazio mediano não é um lugar neutro.

## O objeto da angústia

Não podemos discutir o conceito de vazio mediano sem considerar o estatuto e o papel estrutural da angústia. No seminário *O desejo*, Lacan (1959) simplifica o esquema ótico, ao reproduzir duas imagens do vaso, mas sem as flores de seu esquema anterior. Em vez da imagem real  $i(a)$ , ele escreve  $a$ , referindo-se ao objeto enganoso no espelho que não está do outro lado do espelho no plano do Outro, pois é não especular e não enganoso. O que aparece nesse lugar, na imagem do espaço virtual do plano do espelho, não é um pequeno  $a$ , mas um “branco”, a falta  $(-\phi)$ . Em outras palavras, o falo imaginário, negativado na imagem especular, falta na imagem desejada. Ele a localiza embaixo da caixa que esconde o vaso invertido. Se algo surgir nesse lugar de  $(-\phi)$ , é a angústia que aparece na imagem especular, nesse lugar no qual a falta vem a faltar. Assim, o objeto da angústia passa para o lugar no qual teria que haver uma falta na imagem (Bousseyroux, 2015, p. 20).

Figura1. Esquema ótico do Seminário 6, em 1959.



Fonte: Bousseyroux, 2015, p. 20.

Legenda: *miroir concave* = espelho côncavo; *i(a) image réelle* = *i(a)* imagem real; *vase réel* = vaso real;  $-φ = -φ$ ; *i(a) image virtuelle* = *i(a)* imagem virtual; *image spéculaire* = imagem especular.

Desde 1959, é evidente que Lacan revisita o estatuto da angústia em relação ao objeto na psicanálise lacaniana. Ele segue um percurso que parte do conceito de objeto perdido de Freud e dedica um seminário ao tema da angústia em 1962, após reencontrar o objeto da angústia e atribuir-lhe uma nova função.

Lacan faz uma interessante articulação entre a relação de objeto em 1956 e a angústia em 1962. O sujeito, ao se colocar no lugar do Outro, tem o objeto perdido. Ainda é necessário advertir que o objeto não é o objeto perdido, mas o vazio que esse objeto deixou e que se encontra em uma dialética na qual o desejo do Outro tem função decisiva (Castanet, 2020).

Podemos questionar por que retomar o tema do objeto da angústia, se estamos tratando do vazio na função da palavra pelo pensamento chinês. A angústia é o guia teórico e localizador que serve aos conceitos teóricos lacanianos.

Escolhemos evidenciar esse fio condutor, demonstrando a ligação entre esses conceitos, pois isso nos conduzirá à articulação entre o pensamento lacaniano e o pensamento ternário chinês, ou seja, ao vazio mediano. O vazio deixado pelo objeto, esse objeto faltante, está presente no registro Simbólico, Imaginário e Real do nó borromeo, exatamente localizado nas três consistências. Então, reafirmamos que a angústia tem objeto, um objeto com o nome de objeto *a*, que falta e deixa um vazio, no qual podemos nos servir como condição da cura analítica.

## O interesse lacaniano no vazio mediano

Lacan escolheu estudar dois livros chineses, *O livro do caminho* (Duyvendak, Houang, & Leiris, 1979) e *Mencius* (Seraphin, s/d), conforme citado por Cheng

(2016), no qual encontramos as ideias confucionistas, contrárias às de Tao no primeiro livro, mas também certa convergência entre elas no plano ético. Assim como os taoístas que construíram seu sistema com a ajuda de três elementos: o Yang, o Yin e o sopro do vazio mediano, os confucionistas fundaram sua concepção do destino do homem no âmago do universo na tríade Céu, Terra e Homem. Isso vem provar que o pensamento chinês é essencialmente ternário (Cheng, 2016, p. 170).

A demonstração de um pensamento ternário no interesse lacaniano é de grande importância, quando a psicanálise vem sendo acusada de sustentar uma epistemologia e uma clínica fundamentadas no binarismo em relação à diferença sexual. Isso nos dá pistas de que o regime de diferença sexual com o qual a psicanálise trabalha não é uma natureza, nem uma ordem simbólica, mas uma epistemologia política do corpo, e como tal é histórico e mutável.

Esse é apenas um parêntese para localizar a importância de retomar o pensamento ternário lacaniano em nosso contexto atual. Para responder de forma dialética a esses questionamentos, precisaríamos nos voltar, por exemplo, à teoria dos quatro discursos, que operam modos distintos de aparelhamento do campo do gozo no laço social (Lacan, 1969).

Assim, retomamos o caminho histórico sobre o interesse lacaniano no pensamento ternário chinês e a possibilidade que se abre, a partir de então, de se obter um terceiro lugar para a palavra no vazio criado pela entrada do sujeito na linguagem, porque, ainda que se passe a vida em busca de significantes que deem sentido à existência, tudo isso se refere a uma experiência topológica de lugar, corte e cisão.

Lacan se interessou particularmente pelo que Mêncio (Seraphin, s/d) dizia a respeito da fala, sendo ela indispensável à psicanálise. Ele encorajava a expressão dos desejos e dos sentimentos. Certamente, não se ignorava que a fala é ambígua. Para os confucionistas, a fala humana estava ligada ao sopro; por ser habitada pelo sopro íntegro, ela poderia chegar ao verdadeiro. O homem tem papel fundamental, pois participa como terceiro da obra da Terra e do Céu (Cheng, 2016). Se ele proferir palavras justas, contribuirá para alimentar o sopro íntegro.

Em 1977, no *Seminário 24*, Lacan (1977a) fala justamente do vazio mediano, constituído pelo sopro que passa entre as palavras. François Cheng ilustra os recursos poéticos usados para que, entre as palavras, passe o vazio mediano (Cheng, 2016). Ele se referiria a alijar a palavra de seu sentido, fazendo-a ir ao vazio de todo sentido na emissão da palavra poética, transferindo-a ao modo indizível.

Refere-se ao discurso analítico, que não avança pelo Imaginário, nem pelo Simbólico, e, sim, pelo Real. No entanto, tentar fechar o Real como um efeito de sentido é sobre o que Lacan tentou interrogar François Cheng, sobre o Tao e a escritura poética chinesa.

Algo que nos interessa é a articulação S1-S2, que se caracteriza pela duplicidade do sentido (Bousseyroux, 2011). É essa duplicidade do sentido que pesa sobre todo significante e sobre a interpretação, mesmo a poética, pois é sobre a ambiguidade do sentido duplo que a poesia se funda. No *Seminário 24*, Lacan (1977a) recomenda que os analistas tomem a poesia chinesa como orientadora das análises e refere-se à tradução de Confúcio (Seraphin, s/d), realizada por Cheng (2016), a qual estava lendo e que o havia inspirado a dar um novo tratamento à palavra, ou, ainda, a concebê-la de outro modo (Lacan, 1976). Para Lacan, a poesia chinesa é aquela que inaugura, além da palavra vazia e da palavra plena, um terceiro modo de palavra.

Vejam. Se a palavra plena é aquela que tem como característica o duplo sentido e a duplicidade do S2 do sintoma, e a palavra vazia é aquela reduzida à significação, existe um estado entre essas duas condições que tem como característica nem o vazio, nem pleno, mas o meio vazio e o meio pleno. É o lugar no qual circula, como nos poemas chineses analisados por François Cheng, o sopro do vazio mediano (Cheng, 2016).

Lacan apresenta uma escritura topológica dessa passagem. A partir do uso dos nós e da figura topológica, é possível uma análise dos diversos estados da palavra, e essa condição oferece uma perspectiva à experiência analítica (Lacan, 1977a).

A palavra silenciada pelo vazio mediano na poesia chinesa é colocada à prova topologicamente. Temos três estados da palavra: palavra vazia, palavra plena e uma apresentação topológica, definidos a partir de uma operação de um toro, do furo no toro, o vazio poético. Estamos às voltas com nosso guia, a angústia, a falta da falta do objeto presente nos registros. O vazio que o objeto deixou, no esquema ótico mencionado anteriormente, está em uma dialética com o desejo do Outro.

Um toro só tem furo, central ou circular, para quem o olha como objeto, não para quem é o seu sujeito, ou seja, por um corte que não implica furo nenhum, mas o obriga a um número preciso de voltas de dizer, para que esse toro se faça (se faça caso ele o demande, pois, afinal, um toro vale mais que um através); se faça, como nós nos contentamos prudentemente em imagnetizar, banda de Moebius — ou contrabanda. (Lacan, 2003c, p. 487)

Afirmamos, com essa topologia, que Lacan redefine a função da palavra. A palavra, a partir das concepções topológicas, tem a função de furar, “esburacar” o sentido, o qual é duplo, com uma significação vazia, conforme também situamos. Mas o que Lacan gostaria de mostrar realmente com a topologia?

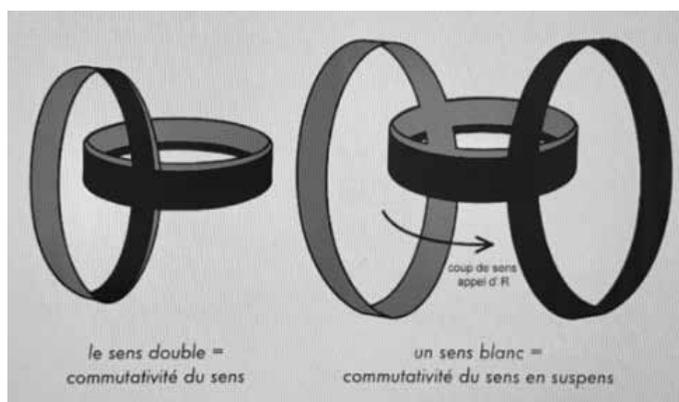
O toro furado nos possibilita identificar a diferença entre a palavra poética, a palavra plena e a palavra vazia. Ao furar o toro, colocamos em comunicação seu

vazio interior e seu vazio exterior, que, ao se encontrarem, enodam-se, criando um vazio mediano (Bousseyroux, 2011). É o esburacamento a condição da criação do vazio mediano. Lacan utiliza a palavra em francês *trouage*, referindo-se a *trou*, que significa buraco. O termo *trou*, em francês, possibilita a criação de alguns neologismos importantes para a teoria, tais como “*troumatisme*”, junção de *trou* e *traumatisme* (traumático), remetendo à ideia de um furo no traumático.

Pensando no movimento que ocorre da palavra plena à palavra vazia, Lacan (1977a) separa o toro em duas cores diferentes e os estica de forma a criar um furo com formato de anel, que pode encaixar-se dentro de um e de outro. Assim, com os anéis completamente encaixados, temos a representação topológica da palavra plena de sentido duplo, e, com os anéis completamente desencaixados, temos a palavra vazia. O mais importante nessa articulação é o semiencaixe, no qual o sentido, cuja palavra é plena, é desarticulada de seu duplo; um sentido estando ausente (absenso), é subtraído. É necessário salientar que, desse buraco, o nó borromeo é gerado.

Esburacar é enodar. E esburacando um toro criamos um nó; dizendo de outra maneira, é o esburacamento do falar pelo significante o revelador do nó borromeo, conforme mostramos por meio das seguintes figuras topológicas (Bousseyroux, 2011). Já dissemos que a palavra plena perde seu sentido duplo, caracterizando um absenso.

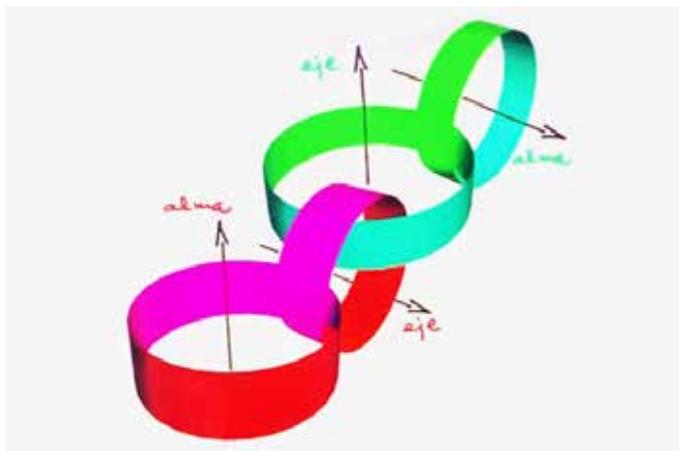
Figura 2. Topologia de semiencaixe dos anéis das bandas de Moebius, causando o absenso, um branqueamento do sentido (opacidade do sentido).



Fonte: Bousseyroux, 2011, p. 39.

Legenda: *le sens double* = o duplo sentido; *commutativité du sens* = comutatividade do sentido; *coup de sens* = golpe de sentido; *appel d'R* = chamado de R; *un sens blanc* = um sentido branco; *commutativité du sens en suspens* = comutatividade do sentido em suspenso.

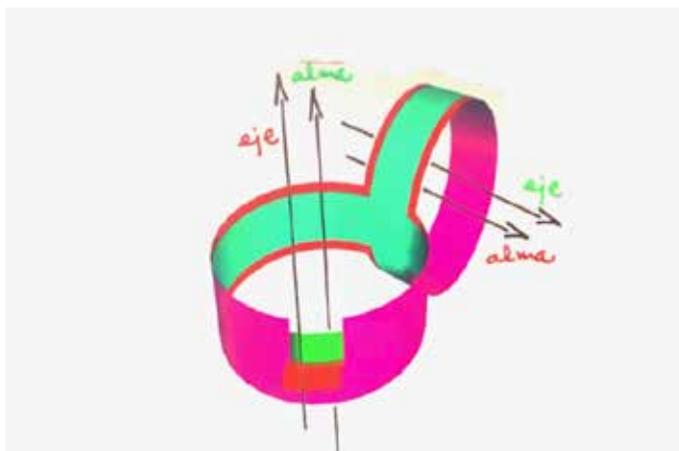
Figura 3. Topologia da palavra vazia.



Fonte: Bousseyroux, 2011, p. 38.

Legenda: *eje* = eixo; *alma* = alma.

Figura 4. Topologia da palavra plena.



Fonte: Bousseyroux, 2011, p. 38.

Legenda: *eje* = eixo; *alma* = alma.

## Topologia e função poética

A partir do próprio *Seminário 19*, Lacan (1971) substituiu os ditos da escritura chinesa pela escrita dos nós. Afinal, não seria possível operar livrando-se de todo o sentido. A interpretação pelo equívoco, em “O aturdido” (Lacan, 2003c), tem efeito sobre a redução do gozo fálico no sintoma. Perguntamo-nos em que medida

esse efeito de sentido pela interpretação, pelo equívoco, pode captar algo que seria um fragmento, um pedaço do Real?

Como exemplo, temos a poesia, que se funda no duplo sentido. Qual seria a demanda de Lacan? Evitar o duplo sentido de uma poesia amorosa? Ou a dimensão mentirosa de toda palavra diante do Real? Podemos afirmar que a poesia amorosa é a significação. A poesia falha na palavra vazia quando não há mais do que uma significação, ou seja, quando ela é um ponto nó de uma palavra com outra, sem efeito de metáfora.

O clássico binômio, “palavra vazia” e “palavra plena”, não se sustenta na afirmação de que um sentido, ao se ausentar, necessariamente cairá em uma palavra vazia, conforme caracterizado em outro tempo na teoria (Lacan, 2003a). Lacan procura dinamitar o binômio comum “palavra vazia” e “palavra plena” em “Função e campo da linguagem em psicanálise” (Lacan, 2003a) e em “Resposta ao comentário de Jean Hypolite” (Lacan, 2003b), texto no qual se trata da “*verneinung*”, que em alemão significa negação, conceito de Freud.

Lembrando que todas essas referências são anteriores a 1960, e a palavra plena ainda era associada à palavra verdadeira, dando a ilusão de coincidir com a “palavra coisa”, ou seja, a palavra plena era definida por sua identidade de correspondência com aquilo que se fala. Por exemplo, ao falar quem se é, isso seria idêntico ao que se é.

Na lógica da imagem invertida do espelho ótico, a imagem real, representada por i(a) na Figura 1 (ver anteriormente), torna-se um símbolo invertido, como na “palavra plena” e na “palavra vazia”. Porém, no espaço virtual do espelho plano, o branco, a falta (-φ), nenhum símbolo poderia ocupar o lugar. Essa operação é necessária à presença da angústia, única forma de se ascender ao desejo.

O absenso, o branco, o *sens blanc*, sentido branco em francês, homofônico a *semblant*, semblante em português, da imagem desejada é comandado por uma presença que existe para além de onde está inscrito “a”, objeto causa de desejo, não representável no espelho. O objeto da angústia é o “objeto a”.

No final do texto “Função e campo da linguagem em psicanálise”, Lacan (2003a) aconselha que devemos nos surpreender pelo fato de toda palavra ser vazia, já que a enunciação, por estrutura, é mais acessível ao sujeito.

Persiste a pergunta que nos impede de nos inclinarmos nem a um nominalismo, nem a um realismo. Como opera a psicanálise pela via das coisas? O que isso nos importa? A substância do gozo assentada no corpo. Se não recusarmos isso, a psicanálise não será mais do que semblante de objeto.

Assim, retomemos o nó borromeano, pelo qual nos permite associar o reacionismo da palavra e o realismo da estrutura enodados no sintoma. É pela poesia que podemos levar em conta seu recurso na língua e na palavra, associando o realismo e a estrutura da letra com a supremacia do significante.

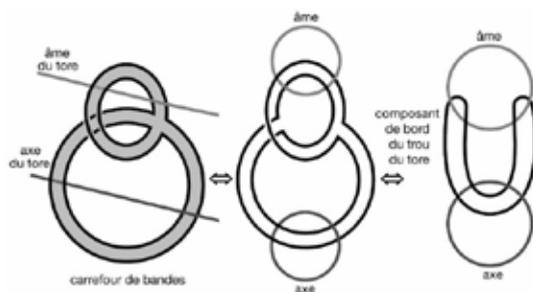
Outra questão que se impõe é como alcançar algo do Real de gozo nessa dupla escolha de sentido, na palavra plena ou palavra vazia. No *Seminário 24*, Lacan (1977a) fala do vazio mediano e do sopro que passa entre as palavras (Cheng, 2016), afirmando que o pensamento chinês é ternário, e não binário, e ilustra isso com os recursos poéticos usados, o movimento entre as palavras e o vazio mediano (Lacan, 1976).

Nas conferências nos Estados Unidos, ainda em 1975, surge o lugar do equívoco, do sintoma e do inconsciente acoplados. Se acoplarmos o sintoma ao inconsciente, criando um círculo, teremos uma análise infinita. Quando o analista se orienta exclusivamente pela moral inconsciente, produz uma análise com a supremacia do Simbólico, o falso anel (topológico) analisante, com o analista no lugar do sintoma. É preciso fazer uma contra-análise, passando da noção de sintoma acoplado ao inconsciente para a do sintoma acoplado ao Real. O analista, ao interpretar, não faz mais do que alimentar o sentido do sintoma. Lacan avança em *Momento de concluir*, ao associar a posição do analista à posição do poeta (Lacan, 1977b).

O analista tem uma operação de dizer, que tem uma função de corte (Lacan, 1977a). Esses avanços na teoria fazem com que possamos tocar o Real pela relação do negativo,  $(-\phi)$ , “não há relação sexual”, e é com os nós que fazemos a tentativa de escrever o que não é possível escrever, mas, sim, examinar todo tipo de suplência que chamamos de sintoma. A falta de estrutura dos nós permite uma abordagem mais positiva, tendo o Real como impossível e a relação sexual como o que não pode ser escrito. Como fazer isso?, podemos questionar. A operação requer operar de uma maneira com redução máxima de um sentido, por meio do vazio criador do nó, do furo do “toro”, a passagem da palavra plena de sentido duplo ao tipo de uma palavra de meio-sentido, no qual se ausenta a outra metade como irrepresentável da verdade. Lacan dirá que é uma passagem ao sentido “branco” do Real (explicamos anteriormente a relação com o conceito de semblante, palavra homofônica em francês, *semblant, sens blanc*, que homofonicamente podemos entender, quando pronunciada em francês, como “sentido branco”), opaco.

Segundo Bousseyroux (2011), a passagem ao sentido branco do Real se faz pelo enodamento de quatro anéis entre o sintoma e o Simbólico, conforme Soury explicita em *Momento de concluir*, por meio da figurabilidade da passagem ao sentido branco, opaco do Real (Soury, 1986).

Figura 5. Escrita do nó borromeo a três entre a borda do furo e os dois vazios.



Fonte: (Bousseyrroux, 2011, p. 39).

Legenda: *âme du tore* = alma do toro; *axe du tore* = eixo do toro; *carrefour de bandes* = cruzamento de bandas; *âme* = alma; *axe* = eixo; *composant de bord du trou du tore* = componente da borda do furo do toro.

## Considerações finais

O dizer como ato fundador, que não espera resposta, estaria no vazio mediano. Pela poesia, ele aparece às vezes. Todo dizer é um ato analítico (Lacan, 1974). A nova função da palavra fica evidente, e reafirmamos a diferença entre falar e dizer no *Seminário 25*, no qual o analista fatia o dizer (Lacan, 1977b). O Real está aí e se faz presente pela maneira de escrevê-lo, com os nós. Ele se mostra e não se mostra, está fora da imagem refletida no esquema do espelho ótico, pois é a angústia que aparece na imagem especular, nesse lugar em que a falta vem a faltar. Assim, o objeto da angústia passa para o lugar no qual teria que haver uma falta na imagem.

A psicanálise é um dispositivo Real que toca um Real, em que a palavra não alcança nem o olhar. A modalidade de palavra que circula em uma análise é o tipo de palavra que não visa ao sentido, que produz um equívoco, contradizendo o sentido e sua duplicidade, sendo contrário à interpretação (Bousseyrroux, 2011).

Lacan leva em conta que há uma terceira forma de palavra, nem plena, nem vazia, mas uma poética chinesa que corresponde à escritura borromeana do “*sinthoma*”, com *th*, como nomeação de um novo conceito (Lacan, 1971).

A psicanálise postula a hipótese de um inconsciente concernido a um Real. Então, como operar sobre esse Real por meio de uma prática de sentido? Foi necessária uma mudança, com os mesmos instrumentos teóricos, para encontrar uma “palavra outra” para tocar o Real.

## Referências bibliográficas

- Bousseyroux, M. (2011). Faire plus que parler. *L'en-Je Lacanien*, 16(1), 27. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/enje.016.0027>
- Bousseyroux, M. (2015). Le vase de Werner Boy et le dahlia noir de l'angoisse. *L'en-Je Lacanien*, 25(2), 9-24. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/enje.025.0009>
- Castanet, D. (2020). De l'angoisse à l'objet a. *L'en-Je Lacanien*, 34(1), 5-7. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/enje.034.0005>
- Cheng, F. (2016). Lacan e o pensamento chinês. In F. Cheng. *Lacan, o escrito, a imagem* (Y. Vilela, Trad.) (1a ed., 1a reimpr.). Belo Horizonte: Autêntica. (Filô/Margens, 2)
- Duyvendak, J. J. L., Houang, F., & Leiris, P. (1979). *Livre de la voie et de sa vertu*. Paris: Points/Seuil.
- Lacan, J. (1959). *Le désir*. Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>
- Lacan, J. (1969). *Séminaire 17 : L'envers de la psychanalyse*. Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S17/S17.htm>
- Lacan, J. (1971). *Séminaire 19 : ou pire*. Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S19/S19...OU%20PIRE.pdf>
- Lacan, J. (1974). *Séminaire 22 : R.S.I*. Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S22/S22%20R.S.I..pdf>
- Lacan, J. (1976). *Séminaire 24 : l'insu...* Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>
- Lacan, J. (1977a). *Séminaire 24 : l'insu que sait d' une bévue s' aile a mourre*. Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>
- Lacan, J. (1977b). *Séminaire 25 : le moment de conclure*. Version Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S25/S25.pdf>
- Lacan, J. (2003a). Função e campo da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003b). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003c). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Pizarnik, A. (2014). Fragmentos para dominar o silêncio (D. Pessoa & V. N. Honnesko). *Revista Polichinello*, Belém: Lume, (16).
- Seraphin, C. (s/d). *Entretiens de Confucius, Mencius, Le milieu juste*. China: Kuang-Chi.
- Soury, P. (1986). *Chaines et noeuds troisième partie*. Editado por Michel Thomé e Christian Léger.

**Recebido:** 01/06/2024

**Aprovado:** 15/06/2024